



Mapeamento semântico-sintático de *haver/ter* no presente + particípio: uma incursão pelos séculos XIII, XIV e XV

Semantic-syntactic mapping of *haver/ter* in the present tense + participle: an incursion through 13th, 14th and 15th centuries

Márluce COAN*

Francisco José Gomes de SOUSA**

RESUMO: Centrando-nos na Linguística Histórica, investigamos indícios de gramaticalização de *haver/ter* no presente + particípio em textos dos séculos XIII a XV, disponíveis na base de dados *Corpus Informatizado do Português Medieval*. Para efetuarmos um mapeamento semântico-sintático da construção, analisamos as acepções aspecto-temporais: de antepresente ou pretérito por século, as quais foram articuladas aos parâmetros: seleção/significação argumental do segundo argumento de *haver/ter*; combinação semântica entre *haver/ter* e particípio e frequência de uso de *haver/ter*. A construção *haver/ter* no presente + particípio esteve mais atrelada à acepção de antepresente: passado com relevância presente, embora haja considerável número de ocorrências da outra acepção: a de pretérito, sendo as construções com o verbo *haver* mais frequentes tanto no século XIII quanto no século XIV, com leve tendência ao uso do verbo *ter* no século XV. Em termos de seleção argumental, observa-se tendência à seleção de objeto indicativo de posse inalienável, o que se configura como um indício de gramaticalização, pois a abstratização do objeto possuído conduz à atenuação da significação de posse originária dos verbos *haver* e *ter*. Também há ocorrências de combinações com particípios que contradizem a noção de posse própria desses verbos (como em '*ter perdido*'), o que é outro indício de gramaticalização, ou seja, da auxiliarização de *haver/ter*. A articulação entre funções, século e parâmetros semântico-sintáticos permitiu-nos um olhar mais verticalizado sobre a gênese do pretérito perfeito composto em português, tanto em relação à forma que se fixou (*ter* + particípio) quanto à acepção corrente de passado com relevância presente.

PALAVRAS-CHAVE: Haver. Ter. Particípio. Diacronia. Gramaticalização.

ABSTRACT: Focusing on Historical Linguistics, we investigated evidence of grammaticalization of *haver/ter* in the present + participle in texts from the 13th to 15th centuries, available in *Corpus Informatizado do Português Medieval* database. To carry out a semantic-syntactic mapping of the construction, we analyzed the aspect-temporal meanings: past with present relevance or only past, which were articulated to the parameters: argument

* Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. marluce.coan@unila.edu.br

** Mestrando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC). francisco.jose.lettras@gmail.com

selection/meaning of the second argument; semantic combination between *haver/ter* and participle, in addition to the frequency of *haver* and *ter*. *Haver* and *ter* in the present + participle construction have been more linked to the past with present relevance, although there is a considerable number of occurrences that mean past tense, with *haver* most frequently used in 13th and 14th centuries whereas in the 15th century there is a slight tendency to *ter*. In terms of argument selection, there is a tendency to select an object of inalienable possession, which can be characterized as grammaticalization evidence, because the abstractization of the possessed object leads to the attenuation of the possession original meaning. There are also combinations with participles that contradict the possession original meaning (like '*ter perdido*') which is another sign of grammaticalization, i.e., auxiliarization of *haver/ter*. Articulation among functions, century and semantic-syntactic parameters allowed a more vertical view to the perfect compound genesis in Portuguese, both in relation to the fixed form (*ter* + participle) and current meaning (past with present relevance).

KEYWORDS: *Haver*. *Ter*. Participle. Diachrony. Grammaticalization.

Artigo recebido em: 20.03.2024

Artigo aprovado em: 14.06.2024

1 Contextualização e caracterização da proposta

Embora seja o século XVII um marco para a utilização de **haver/ter** + particípio como forma composta (sem traços de concordância de gênero e número no particípio), a sua emergência, segundo Mattos e Silva (2001), vem de longa data. Lorenzo (1995) observa que, na época medieval, o particípio precedido ou seguido de **haver** era, em geral, de verbo transitivo e concordava com seu complemento, evidenciando-se um estado de posse herdado do latim, porém o verbo **ter** já aparecia como auxiliar em alguns casos. A partir do século XVII, **haver** e **ter** foram se esvaziando de sentido (sentido de posse), conservando, entretanto, seu valor original, quando não se achavam em conjunção com o particípio passado e com o infinitivo (Pereira, 1923, p. 463).

A presente pesquisa versa sobre essas formas (**haver/ter**) no presente + particípio, o que, atualmente, categorizaríamos como pretérito perfeito composto do indicativo. Optamos por investigar a emergência da construção em galego-português, terminologia considerada por Cuesta (1971), Maia (1986), Teyssier (1997), Masip (2003) e Monteagudo (2012), para caracterizar o período do século XIII a XV, período anterior,

portanto, ao do surgimento das primeiras gramáticas do Português, as quais datam do século XVI. Nossos dados provêm da base Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa: <https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/>, cujo propósito foi disponibilizar dados fiáveis para a investigação linguística de “fases pretéritas da língua”. Na seção destinada à metodologia, apresentamos todos os textos considerados por século, ademais de algumas restrições impostas à pesquisa.

Para investigar, nesse período, indícios de gramaticalização de **haver/ter** no presente + particípio, mapeamos, inicialmente, a significação da construção, considerando-se acepção de pretérito e de antepresente (nos termos de Bello, 1841; 1847). Conforme exemplos dispostos em (01) e (02), respectivamente, de pretérito e de antepresente, este opõe-se tanto ao passado absoluto quanto ao presente por sua perspectiva de passado, porém com relevância presente, ou seja, codifica a anterioridade de toda a duratividade do ato de fala.

(01) A que por gran fremosura é chamada Fror das frores... Enton contou o que vira, segundo vos **EY** ja **DITO**; e o abade tan toste o fez meter en escrito pera destruyr as obras do ãemigo maldito, que nos quer levar a logo u sempr' ajamos pavores {Cantigas de Santa Maria, século XIII}¹.

(Aquele que por grande formosura é chamada flor das flores... Então contou o que vira segundo já vos hei dito; e o abade muito depressa o fez mencionar por escrito para destruir as obras do inimigo maldito, que nos quer levar a lugar onde sempre tenhamos pavores.)

(02) E esto medês faz nos cuydados dalgũas obras que lhe parecerem boas e virtuosas que se despõe a elles assy destemperadamente, que nom **TEEM CUYDADO** de comer, dormir, nem da folgança ordenada que o corpo naturalmente requiere {Chancelaria de Dom Afonso - Volume 3, século XIV}.

¹ Para cada exemplo proveniente do *corpus* de nossa pesquisa, optamos por adicionar uma versão lexical mais atualizada para facilitar a leitura, porém mantivemos a forma **haver** original (mesmo em casos em que hoje usaríamos **ter**) e marcas de concordância do particípio, para que a nova versão não esteja desalinhada do que é abordado nos parágrafos precedentes e subsequentes ao dado.

(E isso mesmo faz nos cuidados de algumas obras que lhe parecerem boas e virtuosas, que se colocam a eles assim destemperadamente, que não têm cuidado de comer, dormir, nem de descanso estabelecido que o corpo naturalmente requer).

Ao passo em que mapeamos a significação da construção, articulamos cada acepção à sua configuração semântico-sintática em três vieses: (i) noção de posse expressa pelo argumento selecionado por **haver/ter** ou ausência argumental; (ii) combinação semântica entre **haver/ter** e particípio e (iii) escolha lexical do primeiro item da construção: **haver** ou **ter**, vieses que detalhamos a seguir.

O primeiro viés refere-se à seleção argumental de **haver/ter** atrelada ou não à noção de posse, conforme ilustramos de (03) a (05), respectivamente, com argumento material (**os dedos**), imaterial (**sen = juízo**) e sem argumento. Tomando por base a construção tipicamente latina em que **haver** funciona como um predicado de dois lugares, expressando uma relação de posse entre o sujeito e o objeto, investigamos tanto a seleção argumental quanto a noção de posse expressa pelo segundo argumento. Pautamo-nos nas considerações de Olbertz (1993) e Ribeiro (1996), para as quais a mudança começa quando **haver/ter** passam a ser usados para posses inerentes/imateriais/inalienáveis (em perspectiva metafórica, de posse material para posses em outros domínios), embora o primeiro passo em direção à gramaticalização estaria mesmo em construções em que não há um segundo argumento, reduzindo, portanto, a significação temática/argumental de **haver/ter**, como ilustramos em (05).

(03) [...] **TEM** os dedos das mãos **DEPENDURADOS** e as suas vistiduras velhas e see em hũa seeda estrada e cria hũu moço {Corte Imperial, século XIV}.

(Tem os dedos das mãos dependurados a as suas vestes velhas e está em uma estrada 'estreita' [rota] e cria um rapaz).

(04) Per bÔa fe, mha senhor, e sabhades ca por aquest' **EY PERDUDO** meu sen {Texto Literário: Cantigas de Amor, século XIII}.

(Por boa fé, minha senhora, e sabeis porque por este hei perdido meu juízo).

(05) **TEN GUI SAD'** en muitas vezes morrer, / se el morrer cada que lh' eu non der / do meu ren... {Cantigas de Amigo, século XIII}.

(Tem se preparad[o] para muitas vezes morrer, / se ele morrer cada vez que eu não lhe der / nada).

O segundo viés analítico versa sobre a combinação semântica entre **haver/ter** e particípio, ou seja, observamos se a acepção do particípio condiz com a noção de posse expressa por **haver/ter**, como em (06), se está em contradição (como em (07)) ou implica combinação entre os próprios verbos (casos de particípio que contenham lexema idêntico aos verbos **haver/ter**, conforme ilustrado em (08)). Se **haver/ter** denotam uma relação de posse entre o primeiro argumento e o objeto possuído, seria contraditório estarem combinados com verbo cujo significado contradiz a noção de posse (**perder, dar**), inclusive com eles mesmos (Olbertz, 1993). Quando passam a aceitar tais combinações, o particípio torna-se proeminente, conduzindo o outro verbo (**haver/ter**) à noção de auxiliar.

(06) Nom há hi maiores mandamentos que estes dous, e quem estes comprir **TEEM** a lei **CONPRIDA** {Castelo Perigoso, século XV}.

(Não há aqui maiores mandamentos que estes dois, e quem estes cumprir tem a lei cumprida).

(07) Certas, disse rei Boorz, eu **HEI** tanto **PERDUDO** no reino de Logres {Demanda do Santo Graal, século XV}.

(Certamente, disse o rei Boorz, eu hei perdido tanto no reino de Logres).

(08) Quarta, segurança, que antre ambos seja guardada por muy perfeita teençom que hũũ do outro sempre **TEEM AVYDA** {Leal Conselheiro, século XV}.

(Quarta, segurança, que entre ambos seja guardada por muito perfeita intenção que um do outro sempre têm 'havidá').

Em terceiro plano, ancorando-nos nas análises de Olbertz (2018) e Osório (2008), hipotetizamos localizar mais dados de **haver** do que de **ter** + particípio, já que a forma **haver** era, segundo os autores, a preferida nos séculos XIII e XIV. A forma **ter**, pouco a pouco, entra no domínio de **haver**, suplantando-o na atualidade, do que resulta nosso interesse em investigar como isso ocorreu e em que contextos **ter** foi ganhando espaço no paradigma do primeiro verbo da construção, fixando-se sintagmaticamente na construção. Note-se que o estreitamento paradigmático (nos termos de Lehmann, 1995 [1982]) também é um dos passos à gramaticalização. Caracterizamos essa análise em nível semântico-sintático, não somente lexical, pelo fato de investigarmos tal escolha paradigmática em correlação à seleção argumental e ao tipo de argumento selecionado. Sendo assim, a preferência por **ter** no presente + particípio pode decorrer do fato de ser a forma que mais selecionava argumento imaterial ou não o selecionava, ficando o uso de **haver** para posses materiais. Se isso se sustenta ou não, só os resultados dirão. Voltaremos à questão na seção 4, por ocasião da análise dos dados.

Esse mapeamento envolvendo muito mais a natureza semântica da construção como um todo, bem como a correlação entre seleção argumental, combinação de itens e valores subjacentes, decorre de nosso interesse em compreender o estágio de emergência da construção que, atualmente, revela apenas uma das acepções, a de antepresente, com exceção da expressão “tenho dito”, utilizada para encerrar discursos, conforme Ilari (1997) e Bechara (2004). Silva (1998), tratando do Português Europeu, também observa que “tenho dito” é uma forma cristalizada com o sentido de pretérito, neutralizando, portanto, a oposição entre essa forma e “disse”. Pode-se, inclusive, mencionar que, em virtude de derivação delocutiva, nos termos de Benveniste (1988 [1958]), a expressão tem sido, frequentemente, substituída por outras formas: para Ilari (2001), por exemplo, na fala coloquial brasileira, é mais provável o uso de “falou?”².

² Para mais informações, considerar o texto de Ilari, Godoi e Oliveira (1986): “Delocutivos nós também temos, falou?”.

Pode, à primeira vista, ser intrigante o fato de termos optado por uma análise semântico-sintática, deixando de prestar atenção às marcas morfológicas do particípio (em gênero e número), o que configura uma característica marcante do período sob análise em detrimento do particípio neutro (no masculino singular), como ilustram os exemplos abaixo em que “vistas”, em (09), concorda com “algũas maravilhas” (**temos vistas** algũas maravilhas), mas “visto”, em (10), não concorda com “esperemçias” (**ham visto** esperemçias). Em verdade, não nos omitimos à tal situação, pois, no decorrer da análise, a cada discussão, expomos os resultados gerais e aqueles específicos ao particípio neutro. Dessa guisa, mostramos, por exemplo, a significação do argumento selecionado por **haver/ter** (posse material ou imaterial) em todos os dados contendo particípio e, paralelamente, apenas naqueles em que o particípio é neutro (no masculino singular), independentemente de o argumento estar no feminino e/ou plural.

(09) [...]dise ele, que ja **TEMOS VISTAS** algũas maravilhas das que Deus fez nos tempos pasados cõ os povos dos judeus {Crónica de Dom João I, Parte 2, século XV}.

(... disse ele, que já temos vistas algumas maravilhas das que Deus fez nos tempos passados com os povos judeus).

(10) [...] porque nõ sabem nẽ **HAM VISTO** esperemçias das cousas {Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, século XV}.

(... porque não sabem nem hão visto experiências das coisas).

Caracterizado o contexto da pesquisa e exposto o problema investigativo, passamos às incursões teóricas, que engatilham o procedimento interpretativo dos dados.

2 Incursões teóricas

Inicialmente, situamos nosso estudo em uma perspectiva *lato sensu*, nos termos

de Mattos e Silva (1999), por estar o período do galego-português sob análise. Embora a tarefa da Linguística Histórica seja explicar as diferenças entre o passado e o presente, conforme Labov (1994, p. 21), a par desse sentido estrito, Mattos e Silva (1999) propõe que se considere, também, a Linguística Histórica *lato sensu*: “estudo linguístico que se funde em base de dados necessariamente datados e localizados” (p. 149). Ocorre que a perspectiva de análise por século, como aqui fazemos, ocupando-nos do processo de mudança, alinha-se mais apropriadamente à Linguística Histórica *stricto sensu*. A conjugação dessas perspectivas pode ser atrelada à proposta de Coseriu (1979, p. 236): “um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão”, embora o autor, segundo Mattos e Silva (1999), não use as designações *stricto* e *lato sensu*, mas descrição e história da língua.

Situados historicamente, direcionamos nossa análise para um viés diacrônico, pois observamos dados por século (XIII, XIV e XV) e mostramo-los em perspectiva comparativa, conectando essas sincronias via gramaticalização. Considerando-se essas sincronias, o processo de mudança e o fato de que tal estrutura se converteu em pretérito perfeito composto do indicativo, poderíamos, também, aludir à concepção de pancronia nos termos de Wartburg (1946) e Pagliaro (1930): “todo fato linguístico deve ser considerado no sistema de que é parte, e na sua história, que é a história do próprio sistema” (Pagliaro, 1930, p. 176 *apud* Câmara, 1969, p. 45). Retomando Wartburg (1946), Câmara (1969) observa que, em linguística pancrônica, a verdade sincrônica e a verdade diacrônica confluem numa síntese ampla.

Em português atual, parece ser consensual a tese de que a construção **ter no presente + particípio**, categorizada como pretérito perfeito composto, codifica uma situação passada anterior ao momento de fala, porém com relevância presente, diferindo, portanto, do pretérito perfeito simples, cuja fronteira está localizada antes do momento de fala. Campos, Galembeck e Rodrigues (1993) observam que as formas simples e composta do pretérito perfeito são aspectualmente diferentes, pois expressam circunstâncias de duratividade e fronteira de fechamento diferenciadas.

Não há, conforme Campos (1997), para o pretérito perfeito composto, uma fronteira definida e o processo está em curso no tempo de fala. Poderia o processo expresso pela forma composta ser marcado pelo início de um novo processo, mas sua fronteira não está nem antes nem é o tempo de fala por si só. O termo **presente perfeito relativo** (na acepção de Barbosa, 1830) representa bem essa situação, já que o perfeito composto designa tempo passado e presente. Por ser o perfeito composto um tempo passado que se encerra no presente, não podemos, de acordo com Barbosa (1830), acoplá-lo a um marcador temporal puramente passado, como ilustrado em (11).

(11) A semana passada/Há dous annos **TENHO LIDO** este livro.
(Barbosa,1830, p. 213)

Embora o termo perfeito refira-se a algo acabado, na evolução analítica das línguas românicas, discriminaram-se dois aspectos, a que os franceses chamam pretérito definido e indefinido, diferindo este por codificar não só anterioridade, mas resultados que duram até o presente (Pereira, 1923). Também Said Ali (1964) e Cunha e Cintra (2008) demonstram distinção aspectual no emprego dessas duas formas de pretérito perfeito: apesar do desenvolvimento analítico (**ter** e **haver** + **participio**), a língua portuguesa ainda guarda as duas formas com sentidos diferentes.³ Há que se considerar, no entanto, que o passado composto do português já foi um passado anterior ao momento de fala (pretérito), competindo com a forma simples, como ilustra Rodrigues (2010), em análise do tempo perfectivo anterior em dados do século XV ao século XVII.

³ À parte dessas diferenças, há casos nos quais as formas simples e composta do perfeito poderiam ser intercambiáveis como em: “Crises sucessivas **têm deixado** esta firma à beira da falência.” / “Crises sucessivas **deixaram** essa firma à beira da falência.” (Ilari, 1997, p. 51). Embora as duas formas possam ser usadas, temporalmente, em um mesmo contexto, diferem aspectual e relativamente ao propósito discursivo, já que a forma composta parece implicar que as crises continuam, ao passo que a forma simples não teria a mesma implicação.

(12) Quando o monteiro que o porco tem aprazado quiser aleuantar por olho ou por treela, logo deue de chamar os moços assi como lhe ja **DITO AUEMOS** no capitulo XXX da primeira parte, no lugar onde **DISSEMOS** como a de aleuantar por trela. (D. João I, p.203 – *In*: Rodrigues, 2010, p. 98)

Considerando-se o uso de **haver/ter** no presente + participio, observamos dois processos: primeiramente, **haver/ter** indicativos de posse passam a ocorrer como auxiliares; o participio, por sua vez, gramaticaliza-se como forma verbal, ao perder marcas morfológicas, tornando-se neutro (no masculino singular). Convivem, assim, **haver/ter** plenos indicativos de posse e **haver/ter** auxiliares, do mesmo modo que convivem participios de natureza verbal (neutros) e participios de natureza adjetival. Trata-se de um processo de “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma” (Meillet [1912], 1965, p.131) ou de evolução de construções relativamente livres no discurso para construções relativamente fixas na gramática (Du Bois, 1984) ou, ainda, de “um processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper; Traugott, 1993, p. xv). Assim sendo, estamos diante do fenômeno da gramaticalização.

Para Givón (1979), no processo de gramaticalização, um modo mais pragmático de comunicação dá lugar a um modo mais sintático, assim, não vê a gramaticalização simplesmente como reanálise de unidades lexicais em gramaticais, mas também reanálise de padrões discursivos em gramaticais e de funções discursivas em funções semânticas sentenciais. Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) referem-se, também, à gramaticalização como mudanças de ordem semântico-pragmática, cujas tendências são: a) de significados baseados na situação externa (espacial) para significados baseados na situação interna (perceptual/cognitiva); b) de significados baseados em situação externa ou interna para significados baseados em função textual (coesão textual) e c) tendência a significados tornarem-se progressivamente situados nas crenças do falante.

A “formação de perífrases verbais é um tipo de mudança gramatical que tem sido denominado ‘gramaticalização’, um processo através do qual um verbo pleno (neste caso, *habere*, um verbo de conteúdo semântico de posse) desenvolve-se historicamente em um elemento gramatical.” (Ribeiro, 1996, p. 345). Ramat (1987, p. 8-13 *apud* Ribeiro, 1996) define o processo de gramaticalização através dos seguintes estágios: verbos plenos > construções predicativas > formas perifrásticas > aglutinação. Por haver expressões congeladas, idiomáticas, que parecem bloquear ou ao menos retardar o processo de perda total (conforme Traugott e Heine, 1991), o desaparecimento de uma forma não é mais um final esperado do processo de gramaticalização.

No caso da construção com **haver/ter** + particípio, Olbertz (1993) aponta duas fases: a do significado possessivo e a da metáfora do possessivo. **Haver**, originário do latim, seleciona dois argumentos, expressando uma relação de posse entre o primeiro e o segundo (por exemplo, entre **eles** e **grande capital**, em (13)); o particípio, por sua vez, é um adjunto predicativo, informação adicional que denota um resultado relativamente ao item possuído. A metáfora do possessivo seria representada por construções em que não há um candidato para a posição de segundo argumento ou essa posse é metafórica (posse intelectual, por exemplo)⁴.

(13) In ea provincia pecunias magnas collocatas habent. (Olbertz, 1993, p. 243)

(Naquela província, eles têm um grande capital investido.)

Considerando dados do espanhol, Olbertz (1993) verifica que, em 1570, já há ocorrências de particípio sem estatuto adjetival, sendo forma dependente de **haver**. Em dados de 1613, observa a autora que *haver* só aparece como não auxiliar em quatro

⁴ Fazemos aqui uma correlação ao *present perfect*, forma analisada por Reichenbach (1947) como tendo dupla função: expressa posse e um tempo passado; essa dupla função deriva da ideia de que o que eu possuo foi adquirido no passado. Assim, *I have seen* significa, originalmente, eu possuo agora o resultado de **ver**, por isso é interpretado como uma referência a um evento passado.

contextos: na expressão: *haber menester* (**necessitar**); em expressões de tempo: *...ha tres dias...* (**há três dias**); como um modal deôntico: *haber de* (**ter que**) e como existencial impessoal: *haber* (**haver, ter, existir**). Nota-se que somente o primeiro caso se relaciona ao significado original de posse, pois, a partir do século XVI, tal significado lexical começa a ser expresso, primordialmente, por *tener* (ter).

Com base no exposto, pode-se dizer que a gramaticalização é um tipo de mudança cujas consequências são: “emergência de uma nova categoria gramatical; perda de uma categoria gramatical existente e mudança em um membro da categoria gramatical” (Lichtenberk, 1991, p. 38). Eis nossa empreitada: identificar os mecanismos envolvidos na gramaticalização de **haver/ter** + particípio. Como e onde esse fenômeno será investigado é o que delineamos na próxima seção, a da metodologia.

3 Procedimentos metodológicos

Há, conforme Castro (1991), dois métodos conjecturais para estudo de estados passados de uma língua: reconstrução e exploração de fontes escritas. Seguimos, nesta pesquisa, o segundo, considerando textos disponíveis na base de dados Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM) do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa: <https://cipm.fcsh.unl.pt//corpus/>, os quais listamos a seguir por século investigado:

a) Século XIII: Cantigas de Escárnio e Maldizer; Notícia de Torto; Testamento de D. Afonso II: Ms L; Testamento de D. Afonso II: Ms T; Cantigas de Amigo - Parte 1; Cantigas de Amigo - Parte 2; Cantigas de Amor; Cantigas de Santa Maria; Textos Notariais in Clíticos na História do Português; Documentos Notariais; Chancelaria D. Afonso III; Textos Notariais in História do Galego- Português; Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford); Foros de Garvão; Tempos dos Preitos; Afonso X, Foro Real e Dos Costumes de Santarém.

b) Século XIV: Textos Notariais in História do Galego- Português; Arte de Trovar; Textos notariais in Clíticos da História do Português; Documentos Notariais; Cantigas

de Amor; Chancelaria de Dom Afonso - Volume I; Chancelaria de Dom Afonso - Volume 2; Chancelaria de Dom Afonso - Volume 3; Corte Imperial; Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford); Cantigas de Escárnio e Maldizer; Dos Costumes de Santarém; Alphonse X, Primeyra Partida; Crónica Geral de Espanha; Crónica de Afonso X (Ms L) in Crónica Geral de Espanha; Crónica de Afonso X (Ms P) in Crónica Geral de Espanha; Foros de Garvão; Livro de Montaria e Narrativa de livro de linhagens.

c) Século XV: Textos Notariais in História do Galego-Português; Textos notariais in Clíticos da História do Português; Documentos Notariais; Crónica de Dom João I Parte 1; Crónica de Dom João I Parte 2; Crónica de Dom Pedro I; Leal Conselheiro; Demanda do Santo Graal; Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela; Carta de Pêro Vaz de Caminha; História dos Reis de Portugal in Crónica Geral de Espanha; Orto do Esposo; Castelo Perigoso; Crónica do Conde D. Pedro de Meneses; Livro das estorias da bíblia; Livro das Tres Vertudes; Penitencial de Martim Perez; Sacramental; Tratado de Confissom; Vida de D. Telo e Vida de S. Teotónio.

Desconsideramos, no entanto, alguns textos de datação ambígua entre os séculos **XIII** e **XIV**: Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense e Cantigas de Escárnio e Maldizer. Como são poucos textos, não interferindo no volume textual dos outros três séculos, e para evitarmos inclusão aleatória ou no século XIII ou no XIV, deixamo-los de fora da análise. Também julgamos não ser apropriada uma análise à parte, já que o volume difere daqueles incluídos ou no século XIII ou no XIV.

A análise da emergência e gramaticalização de **haver/ter** no presente + participio foi feita mediante parâmetros que tratam da seleção argumental de **haver/ter**; da combinação entre **haver/ter** e participio e da variação entre **haver versus ter** por função aspecto-temporal: antepresente e pretérito. Cada parâmetro é correlacionado, em termos de frequência, às duas funções sob análise, por considerarmos a importância da frequência em direcionamentos gramaticais, o que implica estabilização ou mudança (Labov, 1972; Lass, 1980; Bybee, 2007; Fox, 2007). Ademais, em ciência, não

interessa “só o conhecimento dos fenômenos linguísticos em si, mas o de todas as forças e influências que neles se manifestam, alterando-os, enriquecendo-os, marcando-os indelevelmente” (Maurer, 1967, p. 30).

Dos textos provenientes do Corpus Informatizado do Português Medieval, coletamos todos os dados de **haver/ter** no presente + particípio, totalizando 286 dados, porém retiramos 19 deles desta análise, tendo em vista que provêm de alguns textos de século incerto. Operamos, portanto, com 267, distribuindo-os por significação aspecto-temporal: de um estado de coisas que ocorre no passado (pretérito) ou de um estado de coisas que começou no passado e tem relevância presente (antepresente), e analisamo-los por seleção/significação argumental do segundo argumento de **haver/ter**, combinação entre **haver/ter** e particípio, frequência de uso de **haver versus ter**, atrelada tanto à seleção argumental quanto à combinação como o particípio, além de observar, em todos os casos, o comportamento da construção em geral (incluindo-se morfemas de feminino e plural) e somente quando há particípio neutro (no masculino/singular).

4 Resultados – articulando dados e premissas

Haver/ter indicativos de posse gramaticalizaram-se como auxiliares quando seguidos de particípio neutro (no masculino/singular), que, por sua vez, gramaticalizou-se como forma verbal, quando antes era puramente adjetival. Trata-se de um processo de mudança categorial do primeiro termo da construção (de verbo pleno a auxiliar) e, também, do segundo termo (de particípio adjetival a verbal). Além desse processo estrutural, um outro processo semântico se configura: na combinação entre **haver/ter** auxiliares e particípio neutro, a significação passa a ser aquela em que uma situação que começou no passado continua, pelo menos, até o momento de fala.

Os resultados, expostos na tabela 1, mostram que o valor de antepresente é sobressalente na primeira sincronia e na última. Com base em Fiorin (1996) e Rodrigues (2010), havíamos hipotetizado ocorrerem dados com as duas acepções, ou

seja, de um estado de coisas que ocorre no passado – pretérito (conforme exemplo em 14) e de um estado de coisas que começou no passado e tem relevância presente – antepresente (conforme exemplo em 15), sendo esta significação cada vez mais frequente em detrimento da outra.

(14) Asy como elle meesmo, quy he sabedoria, entende sy meesmo e asy he elle entendente e entendido [...], asy como **AVEMOS** ante **DECLARADO** per muitas vezes {Corte Imperial (CI), século XIV}.

(Assim como ele mesmo, que é sábio, entende a si mesmo e dessa maneira é ele entendente e entendido [...], assim como havemos antes declarado por muitas vezes).

(15) Quem **HÁ** seus pensamentos e desejos e seu amor **AFICADO** em o ceoo alonga-se do mundo... {Castelo Perigoso , século XV}

(Quem há seus pensamentos e desejos e seu amor afincado no céu alonga-se do mundo...).

Tabela 1 — Significação de *haver/ter* no presente + particípio por sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	54/88/61.4	51/104/49.0	44/75/58.7
Pretérito	34/88/38.6	53/104/51.0	31/75/41.3

Fonte: elaborada pelos autores.

Considerando-se somente os casos de particípio neutro (no masculino singular), como ilustrado em (16), observa-se predomínio da significação de antepresente nos resultados expostos na tabela 2: 64,2%, 54,4% e 69,8%, respectivamente, para os séculos XIII, XIV e XV, embora haja número considerável de casos de passado anterior ao momento de fala (35,8% no século XIII, 45,6% no século XIV e 30,2% no século XV), evidenciando dupla significação da construção. Destaca-se, no conjunto dos números, a maior diferença no século XV em favor da acepção que veio a se consolidar em português atual.

(16) E quando o uso e o costume e o foro que DITO AUEMOS pode chegar a tẽpo que seia sabudo e cõhuçudo por que sse deua a ãmendar... { Alphonse X, Primeyra Partida, século XIV}.

(E quando o uso e o costume e a lei que dito havemos podem chegar a tempo que sejam sabidos e conhecidos, por que se deve corrigir...).

Tabela 2 — Significação de *haver/ter* no presente + particípio NEUTRO por sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	34/53/64,2	37/68/54,4	30/43/69,8
Pretérito	19/53/35,8	31/68/45,6	13/43/30,2

Fonte: elaborada pelos autores.

O propósito de restringir a análise apenas para os casos de particípio neutro decorre de nosso interesse em mostrar usos em uma construção que se encaminhava para codificar o atual pretérito perfeito composto em português (no qual o particípio não mais varia em gênero e número), o que se configura como uma incursão importante para comprovarmos emergência do processo de gramaticalização de **ter/haver** no presente + particípio. No decorrer da análise, também assim procedemos, observando, paralelamente, os casos gerais e aqueles de particípio neutro, já que, no processo de gramaticalização da forma composta, segundo Olbertz (1993), há, na maioria dos casos, tanto perda de concordância, quanto ocorrência das duas formas lado a lado, sendo, portanto, a adjacência outro importante quesito a considerar em processos de mudança.

4.1 A seleção argumental por significação/função aspecto-temporal

No percurso de gramaticalização, hipotetizamos, com base em Olbertz (1993), que **haver** e **ter**, cuja seleção temática original envolvia posse material, passam a ser usados para posses inerentes/imateriais/inalienáveis, seguindo-se construções em que já não há mais um segundo argumento, configurações sintáticas que ilustramos de (17) a (19).

(17) [...] nem minguarám, ca mui bem as barata / de mui gram terra que **TEM** bem **PARADA**,/ de que lhi nom tolhe nulh'home nada; {Cantigas de Escárnio e Maldizer, século XIII}.

(...nem minguarão, porque muito bem as mentiras / de muito grande terra que tem bem tratada / de que não lhe tira ninguém nada).

(18) [...] ca sse sse ellas movem a dar mall por mall dito ou de feito, ellas **HAM PERDIDA** humildade, que he sofrer, ser desprezado e vill theúdo... {Castelo Peridoso, século XV}.

(...porque se elas se movem a dar mal por mal dito ou feito, elas hão perdida a humildade, que é sofrer, ser desprezado e considerado vil).

(19) [...] e el[e] lle disse, per quant'eu entendo: "Vai-t[e] ao Papa, ca muit'ÁS **ERRADO**." {Cantigas de Santa Maria, século XIII}

(... e ele lhe disse, por quanto eu entendo: "Vai-te ao Papa, porque muito hás errado.").

Observa-se, nos dados em geral, de acordo com a tabela 3, que já havia construções sem argumento possuído por **haver/ter** no século XIII. Os casos de posse inalienável, como etapa intermediária do processo de gramaticalização (posse material > posse metafórica > ausência do objeto possuído), predominam em todas as sincronias em ambas as acepções, se considerado, obviamente, o quantitativo de dados. Curiosamente, o segundo argumento indicativo de posse material sofreu reduções quando comparados os séculos XIII e XV relativamente ao quantitativo de dados, o que pode ser acrescido à lista de vestígios do processo de gramaticalização dessa construção.

Tabela 3 — Seleção/significação do segundo argumento de HAVER/TER por função e sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	Posse material: 10/16/62.5	Posse material: 11/20/55.0	Posse material: 5/7/71.4

	Posse inalienável: 31/53/58.5	Posse inalienável: 27/51/52.9	Posse inalienável: 25/43/58.1
	Sem argumento: 14/19/73.7	Sem argumento: 13/33/39.4	Sem argumento: 13/25/52.0
Pretérito	Posse material: 6/16/37.5	Posse material: 9/20/45.0	Posse material: 2/7/28.6
	Posse inalienável: 22/53/41.5	Posse inalienável: 24/51/47.1	Posse inalienável: 18/43/41.9
	Sem argumento: 5/19/26.3	Sem argumento: 20/33/60.6	Sem argumento: 12/25/48.0

Fonte: elaborada pelos autores.

Na distribuição das ocorrências, apenas para os casos de participio neutro, verificamos convergências aos dados em geral: (i) uso de **haver/ter** sem argumento desde o século XIII e (ii) redução de uso com objeto indicativo de posse material com o passar do tempo, o que pode ser constatado na tabela 4. Tais resultados podem servir para mostrar que a estrutura como um todo caminhava à gramaticalização, resultado que não foi prerrogativa da perda de concordância do participio, ou seja, o processo não foi mais ou menos morfológico (como perda de morfemas de gênero de número), mas resultou de um conglomerado de fatores, tendo grande influência a seleção ou não de um segundo argumento e, sendo selecionado, seu estatuto semântico de posse (material *versus* inalienável). Dessa guisa, se não há seleção de um segundo argumento para **haver/ter**, dispensam-se marcas de gênero e número do participio, o que poderia ser um exemplo de encaixamento: se a língua caminha semântico-sintaticamente em uma direção, mudanças morfológicas tendem a acompanhar tal direção.

Tabela 4 – Seleção/significação do segundo argumento de **haver/ter** seguido de participio NEUTRO por função e sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	Posse material: 4/8/50.0	Posse material: 4/6/66.7	Posse material: 1/1/100.0
	Posse inalienável: 18/29/62.1	Posse inalienável: 20/29/69.0	Posse inalienável: 15/17/88.2

	Sem argumento: 12/16/75.0	Sem argumento: 13/33/39.4	Sem argumento: 13/25/52.0
Pretérito	Posse material: 4/8/50.0	Posse material: 2/6/33.3	Posse material: 0/1/0.0
	Posse inalienável: 11/29/37.9	Posse inalienável: 9/29/31.0	Posse inalienável: 2/17/11.8
	Sem argumento: 4/16/25.0	Sem argumento: 20/33/60.6	Sem argumento: 12/25/48.0

Fonte: elaborada pelos autores.

4.2 As combinações entre haver/ter e participio por função aspecto-temporal

Um dos passos à gramaticalização envolve a combinação de **haver/ter** com participios cujos significados contradigam a noção de posse prototípica desses verbos, e, igualmente, combinações com eles mesmos (Olbertz, 1993), como nos exemplos (20) e (21) abaixo. Na sequência, nas tabelas 5 e 6, podemos conferir os resultados desse parâmetro, tanto para os dados em geral quanto para os dados exclusivos de participio neutro.

(20) Pois que nosso amo dom Munho Sallido he morto e todos nossos cavalleiros **AVEMOS PERDUDOS**. {Crónica Geral de Espanha, século XIV}.

(Depois que nosso amo Dom Munho Sallido é[foi] morto e todos os nossos calaveiros havemos perdidos).

(21) Quarta, segurança, que antre ambos seja guardada por muy perfeita teençom que hũũ do outro sempre **TEEM AVYDA** {Leal Conselheiro, século XV}.

(Quarta, segurança, que entre ambos seja guardada por muito perfeita intenção que um do outro sempre têm 'havida').

Tabela 5 — Combinações entre **haver/ter** e participio por função e sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	Contradição de significado: 12/20/60.0	Contradição de significado: 3/10/30.0	Contradição de significado: 0/5/0.0

	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 1/1/100.0
	Combinação com outros verbos: 42/68/61.8	Combinação com outros verbos: 48/94/51.1	Combinação com outros verbos: 43/69/62.3
Pretérito	Contradição de significado: 8/20/40.0	Contradição de significado: 7/10/70.0	Contradição de significado: 5/5/100.0
	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 0/1/0.0
	Combinação com outros verbos: 26/68/38.2	Combinação com outros verbos: 46/94/48.9	Combinação com outros verbos: 26/69/37.7

Fonte: elaborada pelos autores.

Os resultados obtidos para esse parâmetro indicam que só há um caso de combinação entre eles mesmos no século XV; poucos de contradição (20, 10 e 5 dados, respectivamente, nos séculos XIII, XIV e XV) e muitos dados de combinação com outros verbos (68, 94 e 69 casos distribuídos respectivamente nos três séculos). Embora haja somente um caso de combinação entre eles mesmos no século XV (**ter** no presente + particípio de **haver**, conforme exemplo 08, retomado em 21), há que se considerar que o processo estava em curso e que esse tipo de configuração seria um exemplo de grau máximo de gramaticalização. Quanto aos casos de contradição, ou seja, aqueles em que um verbo com acepção prototípica de posse é combinado com outro que a contradiz, como **perder**, **dar**, **deixar**, **levar**, **acabar**, pode-se considerar tal uso como evidência de que a estrutura caminhava à gramaticalização, pois há dados dessa natureza nos três séculos sob análise, embora ainda não ocorram em grande escala.

Observemos, agora, na tabela (06), as combinações somente com casos de particípio neutro. Os usos contraditórios também decaem com o passar do tempo, de 9 dados no século XIII para 2 dados no século XV, contrariando a expectativa de que seriam cada vez mais combinados em significação contraditória, devido à

gramaticalização da estrutura. Quanto às combinações com eles mesmos, localizamos somente um dado no século XV. As combinações, em geral, são com verbos diversos. Cumpre, portanto, reavaliar nossa hipótese, aludindo ao princípio da persistência (nos termos de Hopper, 1991), já que o desvio de tal combinação poderia revelar interferência de traços do significado lexical original de posse na distribuição gramatical. Assim, evitam-se combinações que, outrora, seriam contraditórias, como se tal contradição persistisse na nova estrutura, sendo, portanto, uma evidência da atuação do princípio da persistência.

Tabela 6 – Combinações entre *haver/ter* e *particípio* NEUTRO por função e sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	Contradição de significado: 8/9/88.9	Contradição de significado: 3/6/50.0	Contradição de significado: 0/2/0.0
	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0
	Combinação com outros verbos: 27/44/61.4	Combinação com outros verbos: 34/62/54.8	Combinação com outros verbos: 30/41/73.2
Pretérito	Contradição de significado: 1/9/11.1	Contradição de significado: 3/6/50.0	Contradição de significado: 2/2/100.0
	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0	Combinação com eles mesmos: 0/0/0.0
	Combinação com outros verbos: 17/44/38.6	Combinação com outros verbos: 28/62/45.2	Combinação com outros verbos: 11/41/26.2

Fonte: elaborada pelos autores.

4.3 Variação entre *haver/ter* no presente nas construções com *particípio*

Nos séculos XIII e XIV, **haver** era a forma *default*, mas *ter* começa a ser mais frequente no século XV e, paulatinamente, a substituir *haver*, segundo observa Olbertz

(2018). Em análise de dados do Corpus Diacrônico do Português (CDP), a autora detectou 457 casos de *perfect* com o auxiliar *ter* no século XV, 287 desses com **ter** no presente. Comparando os usos do português com os de outras línguas românicas, **ter** é preferido a **haver**, diferentemente do que ocorre nas outras línguas românicas (Olbertz, 2018). Ainda, para a autora, na combinação com o novo auxiliar – **ter**, o *perfect* torna-se universal e indica uma situação persistente.

Investigamos a variação entre **haver** e **ter** no presente + particípio, pautando nossa hipótese nesses achados de Olbertz (2018) e nas observações de Osório (2008) sobre a forma **haver** ser a preferida nos séculos XIII e XIV. Considerando-se, então, que estão sob análise apenas os séculos XIII a XV, hipotetizamos maior incidência de **ter** no século XV (conforme ilustra o exemplo (22) a seguir), mas há considerável uso também nos séculos anteriores, como se observa na tabela 7, que aponta 30 ocorrências de **ter** já no século XIII.

(22) E porẽ aveis de saber que depois deste ajuntamento que hos mouros assy tiverã, como jaa **TEMOS COMTADO**, se rrecolherã naqueles mais primçipaes lugares {Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, século XV}.

(E porém haveis de saber que depois desta reunião que os mouros assim tiveram, como já temos contado, se recolheram naqueles principais lugares ‘por mais tempo’).

Tabela 7 – Variação entre *haver/ter* em construções com particípio por função e sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	<i>Haver</i> : 32/58/55.2	<i>Haver</i> : 33/86/38.4	<i>Haver</i> : 21/35/60.0
	<i>Ter</i> : 24/30/80.0	<i>Ter</i> : 18/18/100.0	<i>Ter</i> : 23/40/57.5
Pretérito	<i>Haver</i> : 26/58/44.8	<i>Haver</i> : 53/86/61.6	<i>Haver</i> : 14/35/40.0
	<i>Ter</i> : 6/30/20.0	<i>Ter</i> : 0/18/0.0	<i>Ter</i> : 17/40/42.5

Fonte: elaborada pelos autores.

Para a gramaticalização dos tempos compostos, **haver/ter** não poderiam selecionar objeto e o particípio deveria ser forma neutra, por isso investigamos a variação nesse contexto em particular, ou seja, somente em construções com particípio no masculino/singular. Os dados apresentados na tabela 8 revelam preferência por **haver**, no entanto, pode-se constatar, ao compararmos os séculos XIII e XV, mesmo que minimamente, aumento de dados de *ter* e decréscimo de **haver**. O que podemos deduzir desses resultados sobre **haver versus ter** é que as duas formas variam, com predominância de **haver**, porém com indícios de ampliação de uso de *ter* ao longo dos séculos, considerando-se o número de ocorrências, pois o percentual compara **haver versus ter** por função (por exemplo, 63.2% de uso de **ter** no antepresente e 36.8% no pretérito).

Tabela 8 – Variação entre *haver/ter* em construções com particípio NEUTRO por função e sincronia (aplicação/total/percentual).

Sincronia → Significação ↓	Século XIII	Século XIV	Século XV
Antepresente	<i>Haver</i> : 24/39/61.5	<i>Haver</i> : 29/60/48.3	<i>Haver</i> : 18/24/75.0
	<i>Ter</i> : 10/14/71.4	<i>Ter</i> : 8/8/100.0	<i>Ter</i> : 12/19/63.2
Pretérito	<i>Haver</i> : 15/39/38.5	<i>Haver</i> : 31/60/51.7	<i>Haver</i> : 6/24/25.0
	<i>Ter</i> : 4/14/28.6	<i>Ter</i> : 0/8/0.0	<i>Ter</i> : 7/19/36.8

Fonte: elaborada pelos autores.

Na tabela 9, a seguir, consideramos a distribuição de **haver/ter** por século, por função e pelos parâmetros já elencados e analisados acima (seleção argumental e combinação com o particípio). Optamos por apresentar todas as informações sobre os dados, pois há dois vieses analíticos possíveis: um ao considerarmos os dados brutos; outro relativamente ao percentual que por vezes é muito alto e precisa ser observado em relação ao conjunto. Outro mecanismo de apresentação é a distribuição por cores, para facilitar a leitura, pois a análise foi feita por função. Assim sendo, os percentuais fecham em 100% ao compararmos, por exemplo, o uso de posse material na função de

antepresente no século XIII (5/9/55.6) *versus* o uso de posse material na função de pretérito também no século XIII (4/9/44.4).

Tabela 9 – Contextos de ocorrência de HAVER *versus* TER por século, seleção argumental e combinação com o participio.

Século →	Século XIII		Século XIV		Século XV	
Forma → Função ↓	HAVER	TER	HAVER	TER	HAVER	TER
Ante- presente (de acordo com o tipo de argumento)	- Material (5/9/55.6) - Inalienável (16/34/47.1) - Sem argumento (10/15/66.7)	- Material (4/7/57.1) - Inalienável (15/19/78.9) - Sem argumento (4/4/100.0)	- Material (2/11/18.2) - Inalienável (19/43/44.2) - Sem argumento (12/32/37.5)	- Material (9/9/100.0) - Inalienável (8/8/100.0) - Sem argumento (1/1/100.0)	- Material (2/3/66.7) - Inalienável (12/20/60.0) - Sem argumento (7/12/58.3)	- Material (3/4/75.0) - Inalienável (14/23/60.9) - Sem argumento (6/13/46.2)
Pretérito (de acordo com o tipo de argumento)	- Material (4/9/44.4) - Inalienável (18/34/52.9) - Sem argumento (5/15/33.3)	- Material (3/7/42.9) - Inalienável (4/19/21.1) - Sem argumento (0/4/0.0)	- Material (9/11/81.8) - Inalienável (24/43/55.8) - Sem argumento (20/32/62.5)	- Material (0/9/0.0) - Inalienável (0/8/0.0) - Sem argumento (0/1/0.0)	- Material (1/3/33.3) - Inalienável (8/20/40.0) - Sem argumento (5/12/41.7)	- Material (1/4/25.0) - Inalienável (9/23/39.1) - Sem argumento (7/13/53.8)
Ante- presente (conforme o tipo de combinação)	- contradição (7/14/50.0) - com <i>haver</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (24/44/54.5)	- contradição (5/6/83.3) - com <i>ter</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (18/24/75.0)	- contradição (3/10/30.0) - com <i>haver</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (30/76/39.5)	- contradição (0/0/0.0) - com <i>ter</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (18/18/100.)	- contradição (0/5/0.0) - com <i>haver</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (21/30/70.0)	- contradição (0/0/0.0) - com <i>ter</i> (1/1/100.0) - com outros verbos (22/39/56.4)
Pretérito (conforme o tipo de combinação)	- contradição (7/14/50.0) - com <i>haver</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (20/44/45.5)	- contradição (1/6/16.7) - com <i>ter</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (6/24/25.0)	- contradição (7/10/70.0) - com <i>haver</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (46/76/60.5)	- contradição (0/0/0.0) - com <i>ter</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (0/18/0.0)	- contradição (5/5/100.0) - com <i>haver</i> (0/0/0.0) - com outros verbos (9/30/30.0)	- contradição (0/0/0.0) - com <i>ter</i> (0/1/0.0) - com outros verbos (17/39/43.6)

Fonte: elaborada pelos autores.

Ao observarmos a tabela 9, pode-se constatar o que segue:

- desde o século XIII, observa-se uso variável de **haver** e **ter**;
- preferência por **haver** nos séculos XIII e XIV, com leve preferência a **ter** no século XV.

- c) Usos de **haver/ter** no presente + particípio em duas funções, destacando-se menor uso da construção com valor de pretérito no século XV.
- d) Tanto na função de antepresente quanto na função de pretérito, estão em maior número os dados nos quais há posse inalienável ou não há um argumento para **haver/ter**.
- e) Apesar de existirem mais combinações de **haver/ter** com verbos diferentes deles mesmos e sem qualquer contradição, nota-se considerável uso de construções em que o particípio contradiz a noção de posse de **haver/ter** em ambas as funções (antepresente e pretérito).

4.4 O que mais os dados revelam?

Relativamente às acepções, nos termos de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), observamos generalização (redução semântica por um lado e consequente expansão por outro). A acepção de passado com relevância presente generalizou-se, ao passo que a significação de passado anterior ao momento de fala ficou restrita a usos textuais (de retomada discursiva), como em “tenho dito”, evidenciando uma das tendências apontadas por Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991): a da gramaticalização como mudança de ordem semântico-pragmática, em que significados baseados em situação externa ou interna mudam para significados baseados em função textual (servindo à coesão textual). Nas tabelas 1 e 2, pode-se observar que os percentuais mais altos já estavam acoplados à acepção de antepresente, percentuais que mais se distanciam se considerarmos somente os casos de particípio neutro.

O parâmetro referente à seleção argumental do objeto possuído, por exemplo, revelou um dos mecanismos de gramaticalização: extensão metafórica (extensão entre domínios), de acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), já que evidenciamos posse inalienável como um estágio intermediário entre posse material e ausência de objeto possuído. Nos dados analisados, há considerável uso de objeto referindo-se à posse metafórica: 53 dados no século XIII; 51 dados no século XIV e 43 dados no século XV.

Podemos destacar ainda o mecanismo de gramaticalização por absorção (conforme Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994), já que houve retenção de marcas morfológicas em direção ao uso neutro do particípio (no masculino/singular) em 164 dos 267 casos de **haver/ter** no presente + particípio.

O parâmetro seleção argumental comprova o princípio da **divergência** (nos termos de Hopper, 1991), já que ora **haver** e **ter** selecionam argumento interno, ora não. Quando o fazem, comportam-se mais como verbos plenos de posse; quando não o fazem, comportam-se como auxiliares. O mesmo ocorre relativamente ao parâmetro sobre contradição semântica entre **haver/ter** e particípio, combinação com eles mesmos ou com outros verbos: ao serem combinados com eles mesmos ou com particípios que contradizem a noção de posse, **haver/ter** tendem a funcionar como auxiliares, dando proeminência ao particípio. Embora a frequência seja menor do que nas combinações com outros verbos, observamos 35 casos de contradição e 01 de combinação com eles mesmos em um universo de 267 dados, o que indicaria um percentual de 13.4%: considerando o prelúdio da gramaticalização do pretérito perfeito composto do português, pode ser um resultado significativo para o período do século XIII a XV.

Observamos, outrossim, **decatégorização** (também nos termos de Hopper, 1991), tendo em vista, principalmente, os usos de particípio no masculino singular sem concordância com o referente que o precede, evidenciando, portanto, por meio de perda ou neutralização de marcas morfológicas, alteração de características das categorias lexicais. Isso foi observado em 164 dados dos séculos XIII a XV, do total de 267 dados, representando, portanto, 61.4% da amostra.

Embora em estratificação (camadas) no período sob análise: aceção de antepresente *versus* aceção de pretérito e construção formada por **haver** no presente + particípio *versus* **ter** no presente + particípio, pode-se aludir ao princípio da especialização (Hopper, 1991), se compararmos o período sob análise com o que conhecemos empiricamente da atualidade: uso especializado e generalizado do pretérito perfeito composto com aceção de passado com relevância presente, estando

a outra acepção (de passado anterior ao momento de fala) em construção formulaica: “E tenho dito!”. Há, outrossim, que mencionar a especialização com o auxiliar **ter** em vez de **haver**, o que revela estreitamento de escolhas formais.

5 Considerações finais

Aludimos ao mapeamento como técnica analítica para que o funcionamento do processo de gramaticalização de **haver/ter** + particípio pudesse ser visualizado por século, função, tipo de argumento, combinação de formas e uso variável entre **haver/ter**. Por meio de números (especialmente de dados brutos), foi possível tecer considerações mais realistas e confirmar hipóteses outrora lançadas na literatura em observação a dados isolados.

Ao mapearmos semântico-sintaticamente os contextos de ocorrência de **haver/ter** no presente + particípio, visualizamos usos mais/menos frequentes e restrições que conduziram à emergência do pretérito perfeito composto em português. Essa sistematização aumentou nosso poder explanatório, fornecendo peculiaridades do processo de gramaticalização. Ao compararmos as três sincronias, lançamo-nos ao viés diacrônico o qual nos propicia “...o encanto da resposta a muitas indagações que o trabalho sincrônico suscita.” (Maurer, 1967, p. 29). Esperamos que a análise aqui diagramada tenha cumprido seu papel de explicar a gênese de uma construção.

Referências

BARBOSA, J. S. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Lisboa, 1830.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1847.

BELLO, A. **Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana**. Valparaíso, Chile: Imprenta de M. Rivadeneyra, 1841.

BENVENISTE, E. Os verbos delocutivos. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1988 [1958]. p. 306-315.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195301571.001.0001>

CÂMARA, J. M. **Princípios de Lingüística Geral**. 4 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

CAMPOS, M. H. C. **Tempo, Aspecto e Modalidade: Estudos de Lingüística Portuguesa**. Lisboa: Porto Editora, 1997.

CAMPOS, O. G. L. A. S.; GALEMBECK, P. T.; RODRIGUES, A. C. S. A Flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. *In*: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (org.). **Gramática do Português Falado: as abordagens**. v. 4., Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 1993. p. 405-423.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1980 [1971].

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996. p. 127-255.

FOX, B. A. **Principles shaping grammatical practices: an exploration**. Los Angeles: Discourse Studies, 9, 2007. p. 299-318. DOI <https://doi.org/10.1177/1461445607076201>

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. Nova Iorque: Academic Press, 1979.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Co., 1991. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.19.1.04hop>

ILARI, R.; GODOI, E.; OLIVEIRA, R. P. O. Delocutivos nós também temos, falô? **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Universidade Estadual de Campinas, n. 10, p. 81-86, 1986.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos. São Paulo: Contexto, 1997.

ILARI, R. **Notas sobre o passado composto em português**. Revista Letras, Editora da UFPR, n. 55, p. 129-152, jan./jun. 2001. DOI <https://doi.org/10.5380/rel.v55i0.2822>

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**: Internal Factors. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

LASS, R. **On explaining language change**. Nova Iorque: Cambridge, 1980.

LEHMANN, C. **Thought on grammaticalization**. (publicado originalmente como *Thought on grammaticalization: a Programatic Sketch*). v. 1. Munique: Lincom Europa, 1995 [1982].

LICHTENBERK, F. On the Gradualness of Grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Co, 1991. p.37-80. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.19.1.05lic>

LORENZO, R. Galegische Koine. *In*: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, C. (ed.). **Lexikon der Romanistischen Linguistik**. v. 2., Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1995. p. 649-679.

MAIA, C. A. **História do galego-português**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1986.

MASIP, V. **Gramática histórica portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo**. São Paulo: EPU, 2003.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. Orientações atuais da Lingüística Histórica brasileira., **D.E.L.T.A**, v. 15, n. ESPECIAL, p.147-166, 1999. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300006>

MAURER JR., T. H. Linguística Histórica. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 11, p. 19-42, 1967.

MEILLET, A. L'Évolution des Formes Grammaticales. *In*: MEILLET, A. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. 6. ed. Paris: Honoré Champion, 1965. p.130-148.

MONTEAGUDO, H. A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa. *In*: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: Edufba, 2012. p. 51-64.

OLBERTZ, H. The grammaticalization of Spanish haber plus participle. *In*: MARLE, J. V. **Historical linguistics**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 1993. p. 243-263. DOI <https://doi.org/10.1075/cilt.107.17olb>

OLBERTZ, H. The Perfect in (Brazilian) Portuguese: A Functional Discourse Grammar View. **Open Linguistics**, n. 4, p. 478–508, 2018. DOI <https://doi.org/10.1515/opli-2018-0024>

OSÓRIO, P. Linguística histórica e história da língua. Aportações teóricas e metodológicas. **I SIMELP**. USP, 2008. Disponível em: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S401.pdf>

PEREIRA, E. C. **Gramática Histórica**. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & cia, 1923.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. Nova Iorque: Macmillan Company, 1947.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p.343-386.

RODRIGUES, L. S. **E tenho dito**: a gramaticalização e a variação do pretérito perfeito composto em narrativas dos séculos XV a XVII. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2010.

SAID ALI, M. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SILVA, P. N. **Os tempos compostos do sistema verbal português**. Lisboa: Universidade Aberta. 1998. (Coleção de Estudos Pós-Graduados).

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo, Martins Fontes, 1997. (Tradução de Celso Cunha).

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Co., 1991. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.19.1>